

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

27



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2018



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Luís Manuel de Araújo (University of Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, André Campos Silva, Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Ortográfica | Proofreading

Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Ana Travassos Valdez (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Soana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Chwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Josep Padró (Universitat de Barcelona), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Alejandro Valverde Garcia (IES Santísima Trinidad), Andrew Miller (East Carolina University), Aurélio Pérez Jimenez (Universidad de Málaga), David Soria Molina (Universidad de Murcia), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José Virgílio García Trabazo (Universidad de Santiago de Compostela), Glória Braga Onelley (Universidade Federal Fluminense), Gustavo Vivas García (Universidad de La Laguna), Juan Luis López Cruces (Universidad de Almería), Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), Marta Várzea (Universidade de Coimbra), Matteo Vigo (Akademie der Wissenschaften und Literatur Mainz), Nadine Guilhou (Université Paul Valéry), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Rafael Cejudo Gale (Universidad de Cádiz), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Victoria Emma Pagán (University of Florida)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2018

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013 and UID/HIS/04311/2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "SEÑOR DE LOS ANIMALES" Y NÚMENES HÍBRIDOS INDOEUROPEOS:
Algunos apuntes para su reconstrucción

"LORD OF THE ANIMALS" AND INDO-EUROPEAN HYBRID NUMINA:

Some notes for their reconstruction

José Virgilio García Trabazo

- 29 RETOS Y AMENAZAS DE LA ADMINISTRACIÓN MUNICIPAL EN EL
OCCIDENTE ROMANO DURANTE EL ALTO IMPERIO:
El caso hispano

*CHALLENGES AND THREATS FACED BY MUNICIPAL ADMINISTRATION IN THE
ROMAN WEST DURING THE HIGH EMPIRE:*

The Hispanic case

Javier Andreu Pintado

47 ESTUDOS

ARTICLES

- 49 EROTISMO DIVINO E CRIMINALIDADE SEXUAL NO HATTI
DIVINE EROTICISM AND SEXUAL CRIMINALITY IN THE LAND OF HATTI

João Paulo Galhano

- 77 ESTADO DA ARTE E CONTRIBUTOS DA TEORIA LITERÁRIA PARA O
ESTUDO DOS VASOS GREGOS DE FIGURAS
(sécs. VI - IV a.C.)

*STATE OF ART AND CONTRIBUTIONS FROM LITERARY THEORY TO THE RESEARCH
OF GREEK FIGURED POTTERY*

(6th - 4th cent. BCE)

Ana Rita Figueira

- 101 O INSUCESSO DA PRIMEIRA FILÍPICA DE DEMÓSTENES
THE FAILURE OF DEMOSTHENES' FIRST PHILIPPIC

Elisabete Caçõo

- 115 AS FINANÇAS PÚBLICAS DE ROMA APÓS A 2ª GUERRA PÚNICA
Algumas considerações sobre As obras De Tenney Frank e Philip kay
THE ROMAN STATE FINANCE AFTER THE 2ND PUNIC WAR
Some remarks on The Works of Tenney Frank and Phillip Kay
Filipe Carmo
- 133 POMPEI, CASA DI SIRICO. PROPOSTE DI LETTURA DEGLI AFFRESCHI
MITOLOGICI DEL TRICLINIO 8 E DELL'AMBIENTE 34:
Due episodi dell'Eneide come espressione di evasione e amore
POMPEII, SIRICUS'S HOUSE. INTERPRETATIONS OF THE MYTHOLOGICAL FRESCOES
IN THE TRICLINIUM 8 AND THE ROOM 34:
Two Aeneid's episodes as an expression of relaxation and love
Paolo Quaranta
- 171 COMETAS, HOMERO E A VANGLÓRIA DE CRISTO.
Texto e contextos de AP 15.40
COMETAS, HOMER, AND THE VAINGLORY OF CHRIST.
Text and contexts of AP 15.40
Carlos Martins de Jesus
- 199 LA RECEPCIÓN CINEMATOGRAFICA DE ULISES
THE CINEMATOGRAPHIC RECEPTION OF ULYSSES
Óscar Lapeña Marchena

213 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 215 O JUDAÍSMO PORTUGUÊS NA LINHA DAS RELIGIOSIDADES IBÉRICAS
PORTUGUESE JUDAISM WITHIN IBERIAN RELIGIOSITIES

José Augusto Ramos

223 RECENSÕES

REVIEWS

289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

sentido na sua equivalência. Resta mencionar que a obra inclui ainda uma útil Bibliografia bastante actualizada sobre Políbio, bem como algumas obras mais antigas que mantêm a sua pertinência na investigação actual.

Daniela Dantas

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

JOHN SCHEID (2016), *The Gods, the State, and the Individual: Reflections on Civic Religion in Rome. (Empire and After)*. Tradução e introdução de Clifford Ando. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, xxiii+175 pp. ISBN 9780812247664 (€58.00)

O presente volume em recensão é uma tradução de *Les Dieux, l'État et l'Individu: Réflexions sur la religion civique à Rome*, editado em 2013. John Scheid, uma das referências contemporâneas na história da religião romana, procura nesta obra «desconstruir» os modelos desconstrucionistas que, segundo o A., além de perniciosos para o entendimento da religião cívica romana, acabam por ressuscitar as perspectivas fenomenológicas hegelianas e românticas do século XIX.

Este livro, precedido de um prólogo a cargo de Clifford Ando (autor desta tradução), igualmente um especialista em religião romana, divide-se em onze capítulos, a que se juntam um «Preface» e uma «Introduction» por parte do autor desta obra.

No prefácio e na introdução, Scheid anuncia os propósitos deste livro focando-se no seu objectivo principal: a defesa do modelo da religião da pólis, ou, por outras palavras, a concepção cívica de religião. Para isso, o autor pugna por um regresso às abordagens antropológicas e historiográficas que, no entender de Scheid, têm sido ignoradas ao dissecar a religião romana.

Deste modo, no primeiro capítulo, intitulado de «The Critique of *Polis*-Religion: An Inventory», Scheid elabora um estado da arte diacrónico onde analisa as diversas teorias sobre a natureza da religião romana de nomes como Theodor Mommsen, Georg Wissowa ou Mircea Eliade os quais, de uma forma ou de outra, foram influenciados pela *volksreligion* hegeliana, ideia crítica da religião cívica romana, e que, anacronicamente, inferia que o modelo da religião da pólis estaria esgotado na época da transição da República para o Principado, predominando no período imperial os cultos de pendor individualista. Estes pressupostos que, segundo Scheid, ainda são hodiernamente defendidos, e que imperam na historiografia sobre religião nos ambientes alemães e anglo-saxónicos, são baseados na teologia protestante cristã, acabando por olvidar a alteridade da religião romana.

Assim, no segundo capítulo (pp. 22-31), Scheid pugna pela passagem da compreensão a-histórica da religião romana para a histórica. Lembra o autor deste livro que as cidades-estado se mantiveram muito além da simbólica derrota na Batalha de Queroneia em 338 a.C., e que mesmo sob a toga romana estas cidades continuaram a ser, em todo o Império, a base da cidadania. Mesmo o famoso edicto de Caracala (212 d.C.), não alterou o funcionamento das instituições das cidades, que foi apenas gradualmente desaparecendo, mercê das invasões bárbaras (pp. 29-30). Scheid sugere, pois, que o «mito da destruição das *poleis*» continua a minar a cientificidade do estudo da religião em geral, e da religião romana em particular.

Scheid continua a «desconstrução» dos «desconstrucionistas» nos capítulos terceiro, quarto e quinto, onde realça o traço comunal e a relevância da cidadania nos cultos romanos, insistindo na originalidade ortoprática da religião romana. Recorrendo às fontes antigas, Scheid recentra os sacrifícios públicos não na perspectiva do número de cidadãos que participariam, mas na qualidade dos ritos.

Nos capítulos sexto, sétimo e oitavo, Scheid observa, a partir de alguns *exempla*, as especificidades do culto romano, sendo de assinalar que no caso romano não podemos falar de «religião do império», visto que os ritos executados em nome de todos os cidadãos apenas ocorreriam na Urbe, sendo executados por magistrados civis de Roma. Através dos *acta* dos Jogos Seculares de 17 a.C. (e porque não o Cântico Secular de Horácio?) é possível discernir o carácter protector e imperialista romano: os romanos invocariam a protecção dos deuses para continuar a proteger os seus aliados e províncias, mas sempre na posição de domínio, ou seja, seria o cidadão romano o protector dos seus súbditos, o que se assemelhava à fórmula realizada pelo *pater familias*, que executava os ritos necessários para a protecção da sua *domus* e *familia* (p. 79).

Por seu lado, Scheid dedica o capítulo nono, «Emotion and Belief», a rebater as posições inspiradas na escola de Tübingen, onde a verdadeira religiosidade estaria assente não nos ritos, mas na espiritualidade e emoção interiores. De facto, em Roma, não seria a emoção que provocaria o ritual, mas o ritual que sustentaria essas manifestações (p. 118), isto é, os ritos executados teriam como tenção não cair na *superstitio*. Scheid recorda a relação patrono-cliente em Roma que seria replicada no mundo divino. De tal modo que a *fides*, conceito fundamental assente nos *mores*, é essencial para compreender a relação dos romanos com os deuses. E foi precisamente este pacto entre os romanos e os deuses, presente na tradição dos reis fundadores Rómulo e Numa Pompílio, que explica a constância romana: observar os auspícios e examinar os sinais dos deuses serviriam para dominar o medo e evitar a *superstitio* (pp. 114-116).

No penúltimo capítulo, Scheid trata dos cultos que alguns estudiosos associam a uma reacção contra o discurso de elite, no sentido foucaultiano. Numa primeira parte deste capítulo aborda o culto de Esculápio e outros cultos medicinais. Conclui Scheid, baseando-se na introdução em Roma do culto de Apolo *medicus* e de Esculápio, que estes cultos foram introduzidos na comunidade cívica romana pelas elites romanas e não por «pressão popular». Na segunda parte, Scheid assinala a introdução dos «cultos orientais» em Roma, recorrendo, entre outros, aos exemplos de Ísis e Cibele. O autor, uma vez mais, reforça que foram as elites romanas que incluíram estes cultos na esfera pública, no caso de Ísis por razões político-militares; quanto a Cibele, a inserção deste culto em Roma por parte do senado, no ano de 204 a.C., simboliza a abertura de Roma, após a Segunda Guerra Púnica, ao Mediterrâneo oriental, acentuando o propósito imperialista da *res publica*. Ao concluir este capítulo, Scheid invoca ainda a tese de Veyne, que afirma que Constantino acreditava verdadeiramente em Jesus Cristo e no cristianismo, apontando também que caso os imperadores seguintes a Juliano, o Apóstata, tivessem regressado aos antigos cultos romanos, seria provável que o cristianismo não se tivesse tornado a religião oficial do Império Romano. Assim sendo, seriam as elites, neste caso, o imperador, que teria a palavra na adopção dos cultos.

No último capítulo, Scheid sumariza e conclui as suas reflexões. Os cultos públicos seriam realizados com e para os cidadãos romanos; os escravos estariam excluídos. O uso correcto das fontes literárias e materiais é essencial para a escrita da história religiosa na Roma antiga que, no entanto, é minada pelas abordagens desconstrucionistas. Segundo Scheid, estas discussões não

levaram a uma nova perspectiva sobre o assunto, mas a uma reintrodução da abordagem novecentista baseada numa teologia da história. «I do not write theology of history. I see no reason to change my method» (p. 141), conclui.

Em suma, o estudo de Scheid pode ser visto como uma introdução ao pensamento do autor sobre a religião romana. Do mesmo modo, este livro introduz-nos no estado da arte e perspectivas tanto do autor, como das perspectivas que Scheid ataca. Não é, contudo, uma obra que possa servir para um público não especializado, dado que apesar da tradução e concatenação de vários passos, o livro de Scheid encontra-se demasiado centrado na refutação da teoria desconstrucionista e fenomenológica. Não obstante, é uma obra obrigatória para um estudante ou académico que queira estudar a religião romana, tendo principalmente o mérito de renovar o conhecimento quanto à natureza ortoprática do mundo romano, muitas vezes preterida nas análises historiográficas.

A heterodoxia de John Scheid, no entanto, não se confinou à escrita. A bibliografia está inserida dentro das notas - que estão no final da obra e não a acompanhar o texto, o que dificulta o acompanhamento do tema. A obra possui um *Index*, mas o leitor teria igualmente merecido, num livro que pugna pelo regresso às fontes, um *Index locorum*.

João Paulo Simões Valério

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

ANTONIO CABALLOS RUFINO trad. (2016), Fávio Vegécio Renato. *El Arte de la Guerra Romana*. (Signifer 14) Madrid, Signifer Libros, 169 pp. ISSN 1578-1518 (€24.00)

Esta tradução de *Epitoma Rei Militaria*, prefaciada pelo Professor Doutor Catedrático Antonio Caballos Rufino, da Universidade de Sevilla, recebe do mesmo uma menção honrosa. Obra de referência para diversos generais ao longo da História, foi objecto de diversas traduções, sendo que esta recente edição em Castelhano se vem juntar e complementar, segundo o Doutor Antonio Caballos Rufino, à edição de María Callejas e María del Barrio, datada de 1982. Um projecto de tradução é sempre uma obra de carácter delicado, sobretudo quando se trata da tradução de línguas da Antiguidade, e o Doutor Adolfo-Raúl Menéndez apresenta uma versão da obra que, além de ser apresentada de forma muito inteligível para quem inicia os seus estudos, não deixa de revelar o seu carácter académico. Além de filólogo, o doutor Menéndez Argüín apresenta também uma extensa bibliografia dedicada ao exército romano, que se foca, sobretudo, no período imperial, com destaque para o século III a. C, não pondo de parte, no entanto, um evidente conhecimento da temática no que respeita o período republicano e a transição para o período imperial, que complementa com a lista de informação bibliográfica presente após a introdução e no final da obra. A introdução é breve, concisa e bem-estruturada, de modo a permitir ao leitor uma aproximação à obra. Não obstante, no capítulo relativo à contextualização histórica, esta inicia-se com o “exército romano altoimperial”, não fazendo uma apresentação sintética do período republicano. Esta opção é compreensível, considerando o conteúdo e finalidade da obra; no entanto, as recorrentes referências de Vegécio a generais e acontecimentos dos séculos II-I a. C. (por vezes, até a períodos